



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

O LIDO E O VIVIDO: LEITURA E ENGAJAMENTO EMOCIONAL EM AS VÍTIMAS-ALGOZES



READING AS LIVING: EMOTIONAL COMMITMENT AND THE ACT OF READING IN AS VÍTIMAS-ALGOZES

ARTHUR KATREIN MORA
FURG/UCPEL, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 27/06/2020 • APROVADO EM 17/07/2020

Abstract

Some literary works, such as the three novellas that constitute Joaquim Manuel de Macedo's *As vítimas-algozes* (1869), are products of a specific historical and sociological context which the modern reader may find difficult to undertake, due to the manner with which the narratives depicts racial relations in the slave-holding Brazilian Empire (1822-1889). Our path towards understanding a reader's reactions towards the novellas is twofold: by exploring the confines of its cognitive domain, as an individual emotionally invested in the reading process, through Wolfgang Iser's (1979) and Vincent Jouve's (2002) concepts of "emptiness" and the "impact" of reading; also, by clarifying the cultural background that brought forth Macedo's work, the mentality and literary context of XIXth Century Brazil. The research suggested that, considering the blatant racism exhibited in *As vítimas-algozes*, a modern reader will likely disregard the caveats that instantiate the text based on the historical perspective and cultural standards of the period. Owing to the qualities inherent to the act of reading, by which the natural reactions of anger and indignation arises, the reader projects the contents of a literary work into his living experience, and literature reaches new social dimensions.

Resumo

Em obras literárias de caráter particular a um contexto histórico, como as três novelas abolicionistas que compõem *As vítimas-algozes* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo, o leitor moderno é submetido a um texto cujo horizonte moral evidencia o racismo como doutrina hegemônica do Brasil Imperial. O contato franco com um texto legitimador desses valores evoca reações emocionais cujas origens o presente trabalho contempla sob dois enfoques: a) o âmbito interior da recepção, no domínio cognitivo do leitor individual, através dos conceitos de “vazio” e “romance de tese” na estética da recepção de Wolfgang Iser (1979), e de impacto da leitura conforme Vincent Jouve (2002); e b) os retratos da mentalidade leitora do século XIX, segundo Regina Zilbermann e Marisa Lajolo (1999). O parecer crítico sugere a adequação do ato de leitura contemporâneo, sob a compreensão do intenso racismo ostentado nas páginas das novelas em questão, em descartar ressalvas relacionadas ao período histórico e seus “padrões culturais”. Essa intromissão emocional da revolta indignada nega ao leitor a indiferença, suspende a discriminação entre o lido e o vivido, e propicia a atuação da ficção literária em dimensões sociais.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Reading. Brazilian Romanticism. Aesthetics of Reception.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Romantismo brasileiro. Estética da recepção.

Texto integral

Apesar de se tratar de um vasto campo multidisciplinar e heterogêneo, os estudos da leitura apresentam riscos e limitações que merecem ser levados em consideração. Por um lado, a análise corre o risco de se tornar reducionista, encerrando seu objeto em estudos de caso cuja aplicação é limitada. O historiador cultural estadunidense Robert Darnton (2010, p. 188) identifica nos teóricos da leitura uma tendência a “encarar seu tema como um alvo móvel impelido pela interação de opostos binários”; no caso, a leitura de códices em oposição à leitura em papiros, a leitura em silêncio perante a leitura em voz alta, o leitor de fragmentos contra o leitor sequencial etc. Em contrapartida, o francês Vincent Jouve (2002, p. 143), teórico da leitura literária, recomenda precauções diante da propensão ao historicismo nos estudos da recepção e da leitura, que torna o objeto de análise “menos a leitura propriamente dita do que a história das mentalidades”. Em tais situações, o entendimento da leitura contribuiria tão somente para o abrangente propósito de mapear a mentalidade de um passado, suas visões de mundo e modos de pensar.

No momento em que tratamos da leitura *literária*, há um acréscimo no número de variáveis, por conta de suas qualidades afetivas e simbólicas, responsáveis por transformar a mera tradução de signos linguísticos em uma experiência de engajamento emocional. É necessário ao pesquisador, portanto, modular a extensão da análise, de forma a compreender o interior do leitor – o funcionamento de sua recepção conforme os opostos binários contemplados – mas

sem abrir mão de investigar as diretrizes que guiam os padrões de uma cultura, “os segmentos que a formaram, a costura que os uniu, os rasgões que os dividiram e o tecido comum a partir do qual foram compostos” (DARNTON, p. 188).

Nessa conformidade, as novelas que integram **As vítimas-algozes**, obra do romancista Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), constituem objeto apropriado para uma análise da leitura como fenômeno transformador, tanto na mente do leitor quanto no tecido social. Publicada em 1869, **As vítimas-algozes** compreende três novelas, **Simeão, o crioulo**, **Pai-Raiol, o feiticeiro** e **Lucinda, a mucama**. Escritas segundo os padrões formais das narrativas de crime e suspense do Romantismo, as novelas retratam diferentes personagens negros e escravizados como protagonistas de atos de barbárie, responsáveis pelo caos e pela decadência dos lares de seus senhores brancos. A intenção, explicitada pelo próprio autor no prefácio da obra, era denunciar a escravidão como instituição tão ameaçadora para os proprietários brancos quanto para a população negra subjugada.

O livro se destaca, no entanto, pela representação das personagens negras e escravizadas como dotadas de uma quase absoluta perversidade, a qual – não obstante as constantes ressalvas por parte de Macedo de que esse comportamento é fruto da prática desumanizadora das políticas de trabalhos compulsórios – conota juízos sobre uma natural inferioridade e brutalidade da população cativa, conduzindo-a, como veremos, para além da possibilidade de redenção e comunhão social.

Por conseguinte, a experiência de ler **As vítimas-algozes** no século XXI provoca uma acentuação de estímulos emotivos a ponto de subverter os mecanismos textuais da narrativa. Para o leitor sensível, o ato hermenêutico da recepção revoga as possíveis ressalvas oferecidas pela compreensão do período histórico e seus “padrões culturais”; seu contato frontal com a injustiça legitimada, ainda que na ficção literária, sobrepuja a solicitude que o incentivaria a furtar-se do anacronismo e ler a obra como a um documento. De maneira que a leitura das novelas abolicionistas de Macedo provoca uma reflexão constante sobre o próprio ato da leitura.

Adentraremos essas questões mediante textos que abrangem a leitura no Brasil do século XIX – conforme Regina Zilbermann e Marisa Lajolo (1999) – junto a teorias que exploram o âmbito interior da recepção, o leitor individual em seu domínio cognitivo e sua relação com o texto – a elaboração do “vazio” e do “romance de tese” na estética da recepção de Wolfgang Iser (1979), somados ao impacto da leitura conforme Vincent Jouve (2002), serão fundamentais nesse quesito. Essas duas frentes de análise concernentes à obra de Joaquim Manuel de Macedo nos permitirão vislumbrar não somente a mente do leitor, mas as estratégias formais das narrativas para provocar engajamento emocional, e por consequência a dimensão da liberdade do leitor frente ao texto literário. Porventura a abordagem estará devidamente modulada de maneira a evitar o reducionismo e o historicismo que ameaçam os estudos da leitura.

1. O BRASIL E MACEDO: LEITURA NO SÉCULO XIX

É a partir do século XVIII, durante o Iluminismo e o Romantismo nascente, que o historiador francês Roger Chartier (1999, p. 78) observa o surgimento de uma nova concepção sobre a prática da leitura. Direcionado pelas representações iconográficas de leitores nas artes plásticas dos séculos XVIII e XIX, Chartier identifica uma bem-aceite apreciação de sua liberdade: os leitores não eram mais retratados como sábios austeros trancados em gabinetes particulares, posicionados em imobilizado silêncio, mas passaram a ser vistos lendo em público, em meio à natureza, ou mesmo no conforto de suas camas.

Essa idealização recreativa da leitura, romântica como os séculos que a produziram, associa-se ao fenômeno da ascensão do romance como gênero literário – gênero este que, segundo Darnton (2010, p. 218), estimula a leitura sequencial, que por sua vez consolida o hábito de ler livros meticolosa e integralmente. Logo, a leitura de romances representa uma transformação nas relações entre autor e público leitor, altera a dinâmica do exercício do julgamento crítico e, de forma geral, reexamina “como a exposição à palavra escrita afeta o modo de pensar dos homens”.

Com efeito, essas mudanças são concomitantes às revoluções burguesas que instituíram a Era do Capital (HOBBSAWN, 2016) no século XIX, em que o capitalismo estabelecido arquitetou a economia de mercado, e a produção de livros passou a se dar segundo a lógica da atividade empresarial, com a busca do lucro e o avanço da tecnologia permitindo maior produção de exemplares a custos reduzidos. Desenvolveram-se, ademais, redes de ensino público unidas à obrigatoriedade do ensino, e as primeiras discussões, no centro da sociedade burguesa, sobre o papel das mulheres na sociedade. O aumento gradual nas possibilidades de estas receberem educação formal as acomodou, com efeito, junto ao público consumidor de leitura.

Tais avanços, somados à referida idealização romântica da leitura, em que esta se torna atividade lúdica e fonte de prazer, alteraram profundamente as relações dos leitores com sua sociedade. O núcleo familiar burguês, potencial fonte de consumo para o mercado das letras, recebe em seu interior um intensificado “gosto pela leitura, por consistir em atividade adequada ao contexto de privacidade próprio à vida doméstica” (ZILBERMANN; LAJOLO, 1999, p. 15). A conquista do cotidiano familiar faz da leitura parte significativa do imaginário social no século XIX.

No Brasil, contudo, apenas em meados do século as disposições sociais estabilizaram uma classe média significativa, propensa a consumir literatura em uma escala considerável a ponto de justificar novos comportamentos por parte dos autores. Ressaltando essa “inflação literária” do período, paralela ao profundo atraso técnico e científico do país, Antonio Candido (2000, p. 121) vê na literatura um paliativo para essas privações: “...o espírito da burguesia brasileira se desenvolveu sob influxos predominantemente literários, e a sua maneira de interpretar o mundo circundante foi estilizada em termos, não de ciência, [...] ou técnica, mas de literatura”.

Consequentemente, a literatura brasileira do século XIX foi, em grande parte, o eminente veículo para divulgação e disseminação de ideias, sejam estas filosóficas, científicas, políticas ou religiosas. Em conformidade com semelhante panorama sociocultural, autores abolicionistas, entre os quais Joaquim Manuel de Macedo, dispuseram sua produção literária à propagação de ideias sobre o Brasil aos demais brasileiros; e testemunharam, com o passar do século, conforme a sociedade

brasileira tornava-se mais complexa, o surgimento de públicos desvinculados da economia escravista, a base social dos movimentos abolicionistas.

No entanto, de modo geral, e na literatura sobretudo, a escravidão representa, no que concerne ao pensamento brasileiro de meados do século XIX, “uma instituição necessária, porém vergonhosa, que, do mesmo modo que os segredos de família, não se deve mencionar” (RICUPERO, 2004, p. 263). Diante disso, alusões à população negra, cativa ou livre, e ao regime escravocrata do país são relativamente esporádicas – e mesmo deliberadamente evitadas – na produção literária da elite política e intelectual do século. Ou seja, o apagamento do negro, efetivado na esfera político-institucional, era reiterado na arte, na poesia e no romance nacionais.

Somente por volta das décadas de 1860 e 1870, com a emergência dos chamados poetas “condoreiros” – conforme o rótulo geracional atribuído ao Romantismo brasileiro – novas representações da população negra brasileira começam a irromper na literatura.¹ E Macedo, como membro do Partido Liberal do Império e adepto do movimento político abolicionista, contribuiu para a divulgação dessas ideias por meio de **As vítimas-algozes**, em 1869.

Porém, a estratégia de Macedo para construir seu argumento apresenta peculiaridades dignas de atenção. Sua obra condena sim, e ferozmente, a instituição da escravidão, mas com a preocupação manifesta de que os frutos da opressão se voltem contra a população branca, mediante narrativas nas quais escravos maliciosos corrompem a santidade do lar de seus senhores e os levam à ruína. Fatalidades estas que, veremos adiante, justificam a urgência da abolição como expediente seguro para o afastamento da influência nefanda dos cativos brutalizados sobre as famílias brancas – estas por sua vez reconhecidas e apontadas, pelo próprio texto, como seu público-alvo “implícito”, ou narratários.

Essa é uma forma de “ficcionalizar” o leitor, recurso considerado por Regina Zilbermann e Marisa Lajolo (1999, p. 17) como “forma de melhor gerenciar o que, por ficar aquém da página, fica além do alcance do escritor”, quer dizer, o comportamento e as reações de quem o lê. Para as pesquisadoras, entender o procedimento da escrita é fundamental para a elaboração de uma história social da leitura, visto que a “ficcionalização” decorre dos pressupostos do escritor sobre a competência e a liberdade do leitor.

Autores de romances de folhetim, como Joaquim Manuel de Macedo, trazem consigo estratégias de condução da leitura; tratam o leitor como um principiante, como se “o caminho a percorrer – vale dizer, a leitura autônoma da obra – fosse difícil” (ZILBERMANN; LAJOLO, 1999, p. 19). A natureza periódica dos folhetins, que possibilita comentários e *feedback*, aproxima os leitores do escritor, que pode dessa forma criar um laço, se não de fidelidade, ao menos de cumplicidade – apesar de em alguns momentos a condescendência autoral ser visível nas habituais demonstrações de falsa modéstia. Vejamos o próprio Macedo, em seu prefácio chamado *Aos nossos leitores*, de **As vítimas-algozes**:

¹ Apesar das representações do negro serem escassas na literatura, e seus poucos personagens consistentemente retratados por meio de estereótipos (Cf. PROENÇA FILHO, 2004), autores como Luiz Gama (1830-1882) e Maria Firmina dos Reis (1822-1917) tinham já seus poemas e romances publicados desde 1859, antecipando os mais celebrados “condoreiros”.

Queremos agora contar-vos em romances histórias verdadeiras que todos vós já sabeis, sendo certo que em as já saberdes é que pode consistir o único merecimento que porventura tenha este trabalho; porque na vossa ciência e na vossa consciência se hão de firmar as verdades que vamos dizer. (MACEDO, 2006, p. 7).

É natural para Macedo impor a seu público leitor o reconhecimento da verossimilhança entre o horror de suas novelas e a realidade da sociedade. Conhecendo seu público romântico, o autor pode esperar dele reações emocionais fortes, e se abster de adentrar questões estruturais que guiam a sociedade e a economia escravocrata. É possível que ele tenha identificado as lacunas de leitura atribuídas ao “leitor romântico”, percebido como “um mau leitor, isto é, [...] incapaz de estabelecer a necessária distância entre o lido e o vivido” (ZILBERMANN; LAJOLO, 1999, p. 26). Tal artifício é revelado pelo próprio Macedo, sob o feitiço da humildade:

Pobre escritor de acanhada inteligência, rude e simples romancista sem arte, que somente escreve para o povo, não nos animaremos a combinar planos de emancipação, nem presumidos de ciência procuraremos esclarecer o público sobre as altas conveniências econômicas, e as santas e irrecusáveis lições filosóficas que condenam a escravidão. (MACEDO, 2006, p. 10)

Outra característica do “mau leitor romântico”, verificado por Zilbermann e Lajolo, é que se trata de um rótulo aplicado sobretudo a mulheres, as “leitoras amigas”, consumidoras ávidas e sentimentais de folhetins, tidas como incapazes de raciocínios profundos sobre questões sérias. A dramaticidade dos eventos narrados nas três novelas de **As vítimas-algozes**, em que famílias brancas, em especial as personagens mulheres, são alvos de sofrimentos e agressões cruéis perpetradas por escravizados, configura um apelo de Macedo à comoção de seu público feminino, dispondo-o a abominar a escravidão, mesmo que em interesse próprio.

A relação entre o feminino e a escravidão se aprofunda de outras maneiras. Ao dispensar elucidações sobre as questões infraestruturais que regiam o funcionamento da economia de trabalho compulsório na sociedade brasileira, resta a Macedo conceber a imagem da escravidão com os contornos da forma feminina:

[As novelas irão] sondar em toda sua profundidade um mal enorme que afeia, infecciona, avilta, deturpa e corrói a nossa sociedade, e a que a nossa sociedade ainda se apega semelhante a desgraçada mulher que, tomando o hábito da prostituição, a ela se abandona com indecente desvario. (MACEDO, 2006, p. 7).

ou em:

...a escravidão, a consciência desse estado violenta e barbaramente imposto, estado lúgubre, revoltante, condição ignóbil, mãe do ódio, pústula encerradora de raiva, pantanal dos vícios mais torpes que degeneram, infeccionam, e tornam perverso o coração da vítima, o coração do escravo. (MACEDO, 2006, p. 18).

“Prostituta nociva” e “mãe do ódio”, imagens que abstraem o horror tangível da escravidão, como se a instituição fosse uma entidade sobrenatural que se apodera dos homens inadvertidamente; e ao mesmo tempo convencionais alegorias misóginas que enfatizam a mulher como mensageira e origem do mal.

Finalmente, é possível demonstrar o subterfúgio da onisciência e da onipotência exibidos pelo narrador – ou o texto, forma como nos referiremos ao enunciador das novelas em si. Todo evento ocorrido nas três novelas de **As vítimas-algozes** é acompanhado de exame detalhado voltado a esclarecer potenciais mal-entendidos que a narrativa possa ocasionar. Esse “abuso da onisciência” (ZILBERMANN; LAJOLO, 1999, p. 37), que racionaliza para o leitor os significados dos episódios dramáticos, pressupõe que o leitor “deixado a seu próprio critério, toma inevitavelmente o bonde errado; cabe [ao narrador], pois, corrigi-lo, direcionando-o para a conclusão correta”.

Na primeira das três novelas, **Simeão, o crioulo**, o narrador tenta elucidar para o leitor os motivos que levaram Simeão, um escravo que foi tratado com relativa benevolência desde a infância, a se ressentir de seus senhores e demonstrar crescente animosidade contra estes:

Fora absurdo pretender que a ingratidão às vezes até profundamente perversa dos crioulos amorosamente criados por seus senhores é neles inata ou condição natural da sua raça [...]. A escravidão já tinha com o seu cortejo lógico e quase sempre infalível de todos os sentimentos ruins, de todas as paixões ignóbeis, estragado o crioulo que talvez houvesse nascido com felizes disposições naturais: o ódio aos senhores já estava incubado na alma do escravo; só faltava para desenvolvê-lo o calor mais forte da ação do domínio absoluto que desumaniza o homem a ele sujeito. (MACEDO, 2006, p. 18-20).

O profundo desequilíbrio nas relações do leitor com o texto estabelece a suprema autoridade do narrador na determinação dos preceitos que ditam os critérios de interpretação. Despida da pretensa familiaridade ou cumplicidade entre os dois polos da leitura, o leitor resulta “julgado incapaz para andar por suas próprias pernas” (ZILBERMANN; LAJOLO, 1999, p. 39). O que temos por fim, com a leitura idealizada nos séculos da ascensão do romance, é uma etapa em que relação “texto-leitor” tinha entre suas preocupações tapar todo e qualquer espaço em que pudesse haver um exercício independente de apreciação crítica do leitor.

Não há como determinar até que ponto essas estratégias tinham sucesso. A exposição à palavra escrita acarreta uma profusão de efeitos nos modos de pensar de diferentes sujeitos. O que pudemos observar foram os comportamentos

resultantes dessas dinâmicas, isto é, os jogos de poder entre Macedo e seus leitores, que ilustram aspectos da mentalidade brasileira e da escrita romântica em meados do século XIX. Essa venda do ideal abolicionista fardado em narrativas profundamente racistas, em que a voz onisciente e onipotente do narrador não receia anunciar explicitamente os objetivos do texto – sustado na expectativa calculada sobre a conduta e as reações de seus leitores – não esgotam, todavia, a experiência receptora de **As vítimas-algozes**.

2. LEITOR ADENTRO: A ELOQUÊNCIA DO VAZIO

Se acima corremos o risco do historicismo, perigando converter o estudo da leitura em uma história das mentalidades, nosso próximo inconveniente é lidar com a permanente ameaça do subjetivismo, isto é, a apropriação decisiva do percurso da análise pelos valores particulares do leitor, porventura valores morais revestidos de um sensível zelo emocional. Uma solução, sugerida por Vincent Jouve (2002, p. 144), para unir as intenções objetivas do pesquisador com a “análise de um ato por definição singular, é aceitar os limites do projeto, fixando-os”. A qualidade intersubjetiva da leitura, que supostamente permitiria mapear com precisão a recepção, extrapola limites epistemológicos, mas nos autoriza perscrutar **As vítimas-algozes** segundo os dados empíricos de nossas próprias reações, ressignificações, e liberdade frente ao texto literário.

Não há escapatória, todavia, ao buscarmos compreender a leitura em um plano cognitivo, da necessidade de esboçar o leitor conforme elaborado pelo teórico alemão Wolfgang Iser (1926-2007). No final dos anos 1960, junto a outros pioneiros da estética da recepção, Iser foi responsável pelo desvio metodológico que redirecionou o foco da análise literária de uma relação “autor-texto” para os vínculos dinâmicos e recíprocos entre o texto e o receptor. A natureza da aplicação de sua “abordagem alemã” trata o leitor como um pressuposto do texto, o “leitor implícito”, e busca a compreensão de como este procede perante as tentativas do texto de dirigir sua leitura.

Conduzir a leitura significa, por parte do texto, limitar o quanto o leitor pode tomar liberdades produtivas em suas interpretações, como no exemplo anteriormente observado do “abuso de onisciência”, denunciado por Zilbermann e Lajolo na narrativa romântica. Porém resistem, deveras, mesmo em tais narrativas, espaços de indeterminação que guiam a criatividade do leitor: são chamados por Iser (1979, p. 87) de “vazios”, uma “assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo da leitura”.

A saber, um vazio no texto, também denominado “não-dito” ou “negação”, leva o leitor a empenhar-se em preenchê-lo, o que por sua vez precisa o ato de ler como uma interação recíproca e fecunda entre texto e leitor, ao invés de mera recepção passiva. Os vazios não estão articulados explicitamente no texto, mas procedem do próprio fenômeno de interação que leitor e texto executam:

O processo de comunicação assim se realiza não através de um código, mas sim através da *dialética movida e regulada pelo que se mostra e se cala*. O que se cala, impulsiona o ato de constituição, ao mesmo tempo que este estímulo para a produtividade é controlado pelo que foi dito, que muda, de sua parte, quando se revela o que fora calado. (ISER, 1979, p. 90, grifo nosso).

Parece razoável inferir que, ao discorrer sobre essa dialética entre os vazios do texto e seu preenchimento na leitura, Iser esteja se referindo à obra literária como objeto estético, em que a atuação da dialética possa facilitar ou dificultar o trabalho do leitor na construção de uma imagem mental da narrativa. Não se trata simplesmente de o leitor ser capaz de identificar particularidades filosóficas e ideológicas no texto de **As vítimas-algozes**, como por exemplo a doutrina do determinismo biológico – “era um crioulo de raça pura africana, mas cujos caracteres físicos aliás favoravelmente modificados pelo clima e pela influência natural do país onde nascera, não tinham sido ainda afeiados [pela] escravidão” (MACEDO, 2006, p. 16) – ou a ética capitalista do trabalho – “a virtude da paciência, a obrigação do trabalho que moraliza e nobilita o homem” (MACEDO, 2006, p. 49), ou mesmo o próprio racismo; mas sobretudo de apreciar a maneira através da qual a forma e o conteúdo do texto esforçam-se em ocultá-las ou revelá-las.

De modo que o vazio – o que se cala – é fundamental para a apreciação estética do texto, pois seu posicionamento na narrativa influi nas possibilidades de o leitor construir uma imagem coerente em sua mente, a “ideação”. A quantidade dessas imagens disponíveis ao leitor está condicionada à proporção de indeterminações no texto: “quanto maior a quantidade de vazios, tanto maior será o número de imagens construídas pelo leitor” (ISER, 1979, p. 110). No entanto, essas imagens seguem as condições determinadas pelo texto – o que “se mostra” –, ou seja, o preenchimento dos vazios não é absolutamente refém do arbítrio interpretativo de um indivíduo, mas é parte da mencionada construção dialética da recepção.

Tais determinações supõem que a forma deve ser adequada ao que o conteúdo deseja expressar, e Iser delinea os gêneros narrativos que, em suas variações formais, promovem o uso do vazio como uma matriz básica para a interação entre leitor e texto. Nos interessa sobremaneira o chamado “romance de tese”, por ter este como característica ser o menos generoso no número de vazios – tal qual nosso objeto, as novelas de Macedo. O “romance de tese” busca, através de sua forma, construir o argumento de sua narrativa o mais nitidamente possível, em uma fluidez de elementos textuais que asseguram ao leitor o perfeito entendimento dos eventos. O recurso ao narrador onisciente, como vimos, é um artifício natural para que o leitor não se depare com excessivos vazios e se disperse da premissa do texto, vagando para outras perspectivas.

Em um Brasil Imperial cuja literatura era a predominante difusora de ideias, a pretensão de Macedo, conforme declarado em seu prefácio, foi se utilizar da prosa de ficção e as qualidades estéticas da literatura para veicular conceitos não-estéticos, no caso, uma doutrina política e social.² Com efeito, o narrador de **As vítimas-**

² Massaud Moisés (2004, p. 406), por sua vez, define o romance de tese como “[...]uma narrativa que veicula uma doutrina, geralmente explícita, tomada de empréstimo a uma forma de conhecimento não-

algozes – no papel de entidade enunciativa criada por Macedo –, por sua constante atividade de preencher os potenciais vazios das novelas com longos interlúdios elucidativos, elabora um “romance de tese”.

Da mesma maneira, “o repertório das normas e os valores do público visado são antecipadas pelo romance de tese, porque este se adapta a seus leitores a fim de que eles se adaptem ao ponto de vista da obra” (ISER, 1979, p. 116). Nesse sentido, o texto literário não expressa constrangimentos em perpetuar estereótipos raciais, se através destes a tese da abolição da escravatura triunfar. Na novela **Pai-Raiol, o feiticeiro**, a cultura e as religiões de origem africana são incorporadas por Pai-Raiol, velho escravo nascido na África, descrito como feio, manipulador e envenenador, características de cativos que se recusam a abandonar os costumes africanos:

Mas o africano vendido, escravo pelo corpo, livre sempre pela alma, de que não se cuidou, que não se esclareceu, em que não se fez acender a luz da religião única verdadeira, conservou puros e ilesos os costumes, seus erros, seus prejuízos selvagens, e inoculou-os todos na terra da proscricção e do cativeiro. (MACEDO, 2006, p. 59).

São constantes os apelos no texto para que os senhores imponham a seus escravos a religião cristã, contrastada com a atribuída vulgaridade das danças e da espiritualidade afro-brasileira, descritas como doenças delirantes:

Referve a dança que se propaga: saracoteia a obscena negra e o sócio, interrompendo o seu bailar violento, leva a cuia ou o vaso que contém a beberagem a todos os circunstantes, dizendo-lhes: “toma pomba!” e cada um bebe um trago da pomba imunda e perigosa. Os doentes de feitiço, os candidatos à feitiçaria, os postulantes de feitiço para bons ou maus fins sujeitam-se às provas mais absurdas e repulsivas, às danças mais indecentes, às práticas mais estólicas. (MACEDO, 2006, p. 60).

A vulgaridade, figurada pelo texto como intrínseca à cultura original africana, é generalizada para todas as categorias de comportamento associadas à população negra e escravizada. Em que pesem os relativos esforços, por parte do texto, de atribuir suas percepções da devassidão africana aos horrores do cativeiro, para um leitor sensível essas recorrentes passagens de representações desumanizadas ecoam estereótipos agressivos, consagrados nas doutrinas de segregação e violência racial. Os escravizados, segundo **As vítimas-algozes**, são incapazes de amar:

Sabem todos o que é o amor entre os escravos: a condição desnaturada desses exilados da sociedade, desses homens

estético, que o escritor encampa e luta por divulgar ou corporificar por meio de uma fabulação que lhe seja compatível”.

reduzidos a coisas, desses corpos animados a quem se negam direitos de sensibilidade, materializados à força, materializa neles sempre o amor: sem o socorro da poesia dos sentimentos que alimenta o coração e o transporta às regiões dos sonhos que se banham nas esperanças de santos e suaves laços, os escravos só se deixam arrebatados pelo instinto animal, que por isso mesmo os impele mais violento. (MACEDO, 2006, p. 37).

de ostentar beleza física;

Todavia Esméria estava convencida de que era, como acabava de dizer o negro, muito mais bonita e elegante do que sua senhora. Essa petulante convicção é especialmente nas escravas crioulas mais comum do que se cuida. (MACEDO, 2006, p. 79).

e mesmo de solidariedade ou cooperação:

É de regra que a negra que foi escrava e se tornou senhora, seja a pior das senhoras: se há ou tem havido exceção, Esméria não o foi. Arrogante, exigente e perseguidora das parceiras, desde a morte de Teresa, a crioula, vendo-se emancipada, [...] fez-se cruel, ordenou castigos justos e injustos, e com as próprias mãos descarregou por vezes o açoite sobre as costas de suas companheiras do tempo da escravidão e do menosprezo. (MACEDO, 2006, p. 113)

Esméria, personagem referida acima, contém em si um conjunto de defeitos que toca em quase todos os estereótipos mencionados. Como amante forçada do feiticeiro Pai-Raiol, junto ao qual foi comprada, Esméria é manipulada por este a seduzir seu senhor, o benévolo, mas fraco Paulo Borges. Seu plano envolve engravidar do proprietário, matar sua esposa e filhos, conquistar a liberdade por meio de chantagens e finalmente envenenar Paulo.

Ela tem sucesso em quase todas as etapas. Sua vaidade a permite ser facilmente manipulada por Pai-Raiol; sua lascívia facilita a sedução do proprietário – “A crioula fingiu-se sentida da injúria; [...] com arrebatamento e artificial comoção, dando ao corpo meneios indecentes, e pondo o vestido em desordem grosseiramente libidinosa.” (MACEDO, 2006, p. 92) –; sua crueldade a leva ao assassinato e infanticídio; e finalmente sua mesquinhez a impede de ser solidária com os demais escravos, o que resulta em sua ruína.

Traços de sexualidade indecente atravessam todas as personagens mulheres e negras, independentemente da idade, pois além de Esméria, há Lucinda, personagem-título de **Lucinda, a mucama**, última das três novelas. Ela é descrita como “uma rapariga muito pervertida e muito desejosa de se perverter ainda mais; sabia tudo quanto era preciso que ignorasse para não ser nociva à sua senhora” (MACEDO, 2006, p. 131). Na narrativa, Lucinda é comprada como mucama para

atender à jovem Cândida, mas acaba corrompendo a “pureza” desta, planejando inclusive seu sequestro por parte de um galanteador. Lucinda é uma jovem negra de doze anos.

Os horrores dessas passagens elucidam uma nova camada na relação “texto-leitor”. As “colisões” de imagens, resultantes das diversas construções do leitor em cima dos vazios do texto, não se dão no nível estético da narrativa, mas em um domínio moral e emocional. Não há dificuldades no processo ideativo pois todas as descrições e motivações de personagens são francamente explicitadas. O choque em uma primeira leitura de **As vítimas-algozes** está em encontrarmos o racismo não nos “vazios”, no “não-dito”, mas no que está escancarado. Formular o “não-dito”, portanto, não é lidar com o racismo do texto em seus próprios termos socio-históricos, mas encarar a leitura segundo as ressignificações de nosso contexto. O vazio de **As vítimas-algozes** se encontra “na reação do leitor quanto ao mundo representado” (ISER, 1979, p. 105), pois a ficção “sempre transcende o mundo a que se refere”, e chega até nós modificada.

3. A REDESCOBERTA DE SI

Uma qualidade imprecisa, mas observável, da literatura, é oferecer a quem a lê uma chance de contemplar seus valores e sua identidade mediante a reflexão sobre a própria conduta emocional durante a leitura. Vincent Jouve (2002, p. 131) descreve esse efeito como a “redescoberta de si”. Dependendo do texto, as disposições do leitor podem se deparar com conteúdos que reforçam ou afrontam suas convicções. Em geral são as afrontas, as divergências, que permitem ao sujeito, “graças à leitura, [...] se redescobrir. O interesse do texto lido não vem então daquilo que reconhecemos de nós mesmos nele, mas daquilo que aprendemos de nós mesmos nele”. Por isso são frequentes as experiências de leitores que, expostos a narrativas literárias que desvendam perspectivas e valores distintos ou opostos aos seus, passam a adotar tais pontos de vista como complementares à sua vivência. Definido o ato de ler como uma “viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência” (JOUVE, 2002, p. 109), tais leitores transformam o aspecto desestabilizador da ficção em um novo atributo de sua identidade.

Além disso, realizar a leitura como atividade de apreciação estética incorre “desaparecer” do mundo, e submergir na construção de um novo mundo – outra dimensão – a partir da tradução dos signos assimilados. Mergulhar na leitura significa desvencilhar-se da realidade por meio de nosso próprio aparelho cognitivo, de modo que a leitura é, simultaneamente, “uma experiência de libertação (“desengaja-se” da realidade) e de preenchimento (suscita-se imaginariamente, a partir dos signos do texto, um universo marcado por seu próprio imaginário)” (JOUVE, 2002, p. 107). Esse novo universo – ou dimensão –, derivado do fluxo de produção de imagens mentais possibilitadas pela leitura, organiza uma “ilusão de exterioridade”, em que a profunda intimidade vivenciada pelo leitor torna essa nova realidade “presente”, quase consubstancial à sua própria existência.

Nisso consiste, enfim, o engajamento emotivo do leitor, cuja imersão proporciona o sentir e sofrer correspondente – nos termos estéticos proporcionados pela narrativa – ao que as personagens sentem e sofrem. Por meio dessa identificação o leitor atinge uma percepção mais ampla de sua vida, desenvolvendo a capacidade de compreender sua condição sob novos termos. Contudo, nem sempre os princípios, juízos e valores manifestos em uma obra literária, mesmo desafiantes da visão de mundo de um leitor, são recebidos generosamente. De fato, retornando enfim a nosso objeto de análise, uma rejeição absoluta às premissas da obra pode ocorrer, na qual sentimentos de revolta e indignação apoderam-se do leitor.

Vimos acima que a leitura não é uma atividade passiva perante as normas do texto, e o receptor é capaz de considerar o conteúdo que lhe é apresentado como absolutamente inaceitável para a composição de sua identidade. No caso de **As vítimas-algozes**, mesmo com as constantes interrupções do narrador para pontificar suas opiniões e preencher os “vazios”, as novelas permitem ao leitor momentâneas fugas da realidade: mergulhos na narrativa que facultam o engajamento emocional com a sorte das personagens. Exceto que nossa empatia não se volta para as personagens que o texto considera dignas de tal, resultando em uma “perversão dos mecanismos textuais” (JOUVE, 2002, p. 130). Por exemplo, nota-se o empenho por parte do texto para tornar as personagens brancas merecedoras de simpatia, como o jovem casal em **Simeão, o crioulo**, que sofre morte violenta ao final da novela:

O amor de Hermano e Florinda era a harmonia suave de dois corações que se entenderam antes de pensar que se entendiam: aromas exalados por duas flores, encontraram-se no espaço e misturaram-se na aura encantada a que dão o nome de amor. (MACEDO, 2006, p. 39).

Ou a esposa de Paulo Borges, Teresa, em **Pai-Raiol, o feiticeiro**, torturada pela traição de seu marido com a escrava Esméria, e por fim envenenada por esta:

A pobre mártir só pensava nos filhos; era pelo pequenino que aleitava em seus seios, que ela comia sem fome, e pedia a Deus forças e coragem; era por Luís e Inês que não queria morrer e tinha medo da morte, ainda aborrecendo a vida. (MACEDO, 2006, p. 95).

A profunda inefetividade emocional dessas passagens deve-se à uma involuntária projeção de valores contemporâneos concernentes ao racismo e às relações sociais em uma sociedade escravocrata. Testemunhar na narrativa essas mesmas personagens brancas (Hermano, Paulo Borges, Teresa) comportarem-se naturalmente em um cenário de opressão racial, como no açoitamento de Simeão (p. 22) – justificável por seu descontrole emocional –, no estupro de Esméria (p. 80) – tratado como sedução de uma escrava lasciva –, ou mesmo Teresa verificando os

dentes de sua escrava com desembaraço e espontaneidade (p. 67), contribui para a completa inversão, por parte do leitor, dos alvos da empatia.

E assim como o texto redime os crimes dos proprietários brancos devido à manifesta crueldade de seus cativos, nossa leitura desenvolveu-se de forma a relevar os crimes dos escravos nas novelas; não apenas pelo que a narrativa, como objeto estético, nos mostra, mas em razão da tendenciosidade ostensiva com a qual o texto orienta a leitura, absorto das injustiças que legitima e perpetua. As cenas de ação, dispostas no desfecho de cada novela, despertam o engajamento emocional por efeito do suspense quanto ao destino dos escravos, sobre os quais há o pressentimento de punições violentas, uma catarse tencionada pelo texto como triunfo da justiça, mas que confessa ao leitor a amargura da crueldade. Como na fuga e suplício de Simeão:

...fugiram precipitados pela porta da cozinha, e ganharam o campo abandonando os cúmplices, que se batiam.
Só de muito longe assobiaram repetidas vezes anunciando a retirada, e metendo-se logo pelo mato, cada qual cuidando exclusivamente de si.
Simeão contara demais com as suas forças: ferido, e tendo perdido muito sangue, caiu desanimado, quando procurava saltar a cerca da fazenda. [...] Simeão subiu à forca; estrebuchou e morreu debaixo dos pés do carrasco. (MACEDO, 2006, p. 55-56).

Ou na morte violenta de Pai-Raiol, vencido em combate por Alberto, um escravo leal a Paulo Borges. Esse combate ganha contornos dramáticos por ser um momento decisivo para o destino de Esméria, que com a morte de seu cúmplice recebe um misterioso “castigo justíssimo” (MACEDO, 2006, p. 120) nos parágrafos derradeiros.

Nosso investimento emocional durante a leitura dessas passagens, conforme demonstra a competência do texto em imergir o leitor em seu mundo, revela acima de tudo a contingência do sujeito que lê em, segundo Jouve (2002, p. 130), não “aceitar o papel previsto pelo romance”. Receptores afastados do contexto socio-histórico em que as novelas foram escritas veem, através da tese argumentada pelo texto, um estratagema inescrupuloso, mesmo com o intuito manifesto de favorecer a causa da abolição da escravatura. O embaraço do leitor é rematado ao percorrer as palavras finais do livro, prosélitas de um abandono segregador para com a população escravizada:

E depois com esses escravos ao pé de vós, em torno de vós, com esses miseráveis degradados pela condição violentada, engolfados nos vícios mais torpes, materializados, corruptos, apodrecidos na escravidão, pestíferos pelo viver no pantanal da peste e tão vis, tão perigosos postos em contacto convosco, com vossas esposas, com vossas filhas, que podereis esperar desses escravos, do seu contacto obrigado, da sua influência fatal?... Oh! Bani a escravidão! (MACEDO, 2006, p. 252).

Não obstante, tais leituras catalisadoras de indignação e revolta, que pervertem os mecanismos textuais de persuasão e rejeitam seus argumentos, proporcionam ao leitor a redescoberta de si. O engajamento emocional causado por um objeto estético, embora somado à recusa espontânea de seus ideais arcaicos, também nos auxilia a considerar a singularidade de nossa experiência literária; e a reconhecer tanto a dimensão da leitura estabelecida pelo texto quanto as variáveis dependentes de nossa liberdade sentimental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizada nossa leitura, é aceitável que reconheçamos que nem o historicismo, nem o subjetivismo, tenham sido com efeito evitados. A contemplação do século XIX brasileiro revelou sua concepção da leitura literária como parte de um cenário de estímulos iniciais à divulgação do conhecimento – com o papel predominante da literatura na introdução científica e ideológica da população – que tornavam desiguais as relações “texto-leitor”, nas quais prosperou o romance de tese dos folhetins. Salientar esses elementos em justaposição ao racismo, à escravidão, e às relações sociais fazem da abordagem histórica uma peça imprescindível para o estudo da recepção.

Ademais, as projeções e o comprometimento emocional estimulados pela leitura de **As vítimas-algozes** favoreceram inclinações críticas acentuadas, incitando um olhar hermenêutico escassamente disposto a levar em conta as ressalvas da compreensão do período histórico e seus “padrões culturais” – a conjectural “visão de mundo” de Macedo. Ao transcender a compreensão do intenso racismo alardeado nas páginas, entrevimos o “vazio” do texto e o preenchemos com as ressignificações apropriadas do horizonte ético e moral contemporâneo: fomentou-se a redescoberta subjetiva mediante a perversão dos mecanismos textuais.

O propósito deste trabalho não foi condenar Joaquim Manuel de Macedo, ou **As vítimas-algozes**, mas assimilar o processo de leitura empiricamente, em uma obra arquitetada nos fundamentos do apelo à emoção – e que se anuncia como compasso moral e ideológico nas questões do trabalho compulsório e relações raciais – no único leitor a cuja mente temos acesso.

Subjetivamente, fomos apresentados a uma narrativa literária que desumaniza os escravos – supondo desumanizar apenas a escravidão – e humaniza em demasia os escravizadores; que em seu maniqueísmo configura a população negra e escravizada como irresgatável socialmente, cujo mero convívio se afigura tóxico e prejudicial às famílias brancas. Historicamente, observamos um paralelo de conduta entre Joaquim Manuel de Macedo e os reformadores humanistas do sistema penal e prisional europeu, investigados pelo filósofo Michel Foucault (1926-1984) em **Vigiar e punir** (1975). Tanto em Macedo como nos reformadores, ambos no contexto do século XIX, constata-se no procedimento dissimulado de “suavizar as penas” – bem como “abolir a escravidão” – uma forma de poupar juízes e carrascos

de testemunhar os horrores do sofrimento que causam, e ao mesmo tempo livrá-los das concebíveis consequências negativas:

[E]sse recurso à “sensibilidade” não traduz exatamente uma impossibilidade teórica. Ele traz em si, na realidade, um princípio de cálculo. O corpo, a imaginação, o sofrimento, o coração a respeitar não são, na verdade, os do criminoso que deve ser punido, mas os dos homens que, tendo subscrito o pacto, têm o direito de exercer contra ele o poder de se unir. O sofrimento que deve ser excluído pela suavização das penas é o dos juízes ou dos espectadores com tudo o que pode acarretar de endurecimento, de ferocidade trazida pelo hábito, ou, ao contrário, de piedade indevida, de indulgência sem fundamento [...]. O que se precisa moderar e calcular são os efeitos de retorno do castigo sobre a instância que pune e o poder que ela pretende exercer. (FOUCAULT, 2014, p. 90).

A compreensão de semelhantes artifícios manipuladores da sensibilidade não invalidam o engajamento emocional como catalisador de um olhar crítico perante a injustiça e a opressão, mesmo – e especialmente – no emaranhado mimético e discursivo da ficção literária, onde a representação da realidade e o foco enunciador demandam considerações. As qualidades relacionadas ao ato de ler, suscetíveis e receptivas à intromissão emocional, nos permite ser, com proveito crítico, “maus leitores românticos”, incapazes de discriminar o lido do vivido. Pois o lido, porventura, esclarece o vivido, e os impactos afetivos da ficção literária reverberam nas dimensões sociais da humanidade.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HOBBSBAWN, Eric J. **A era do capital: 1848–1875**. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **As vítimas-algozes: quadros da escravidão**. 4 ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2006

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In. **Estudos Avançados**, vol. 18, n. 50. São Paulo: USP, 2004. Disponível em: <http://ref.scielo.org/qp2ftq>. Acesso em: 14 jan. 2019.

RICUPERO, Bernardo. **O romantismo e a ideia de nação no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZILBERMANN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

Para citar este artigo

MORA, A. K. O lido e o vivido: leitura e engajamento emocional em *As vítimas-algozes*. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 4., 2020, p. 33-49.

O Autor

ARTHUR KATREIN MORA é mestre em Letras - História da Literatura (2020), pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, século XIX, Romantismo, literatura engajada.